

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranesa: Rua 31 de Janeiro, 133—GUIMARÃES

13 DE FEVEREIRO

No 11.º Aniversário da reimplantação da República, em Guimarães, desfolhamos sobre as campas de Francisco Roriz e António Caires Pinto de Madureira as pétalas da nossa infinda Saudade

13 DE FEVEREIRO

Comemora-se uma data! As datas são inscrições lapidares gravadas pela mão olímpica da História. Uma data é por vezes um marco milenário na vastidão imensa da Epopêa e das Tradições de um Povo!

Diz-se que os números são eloquentes pela grandeza infinita ou pela infinita pequenez que nos fazem sugerir.

Também uma data, em todo o seu laconismo e simplicidade, contém em si um alto poder de eloquência e sugestão!

Comemora-se uma data! O 13 de Fevereiro. E dizendo apenas isto, e gravando apenas isto—13 do 2 de 1919—, tudo dizemos e tudo gravamos nas táboas da História!

Por uma ocasional coincidência, 13 de Fevereiro lembra a data da promulgação de uma lei de opressão e violências e lembra um acto de revolta quebrando os grilhões de uma outra opressão e violências ainda maiores. No primeiro 13 de Fevereiro procurava-se esmagar uma corrente de ideias prejudiciais à ordem e segurança do Estado, e a coberto dessa intenção deportavam-se indistintamente todos os liais adversários de uma política nefasta de lesa-Pátria! No segundo 13 de Fevereiro um acto de força e de vontade, pôe em debandada os retrógrados e renitentes opressores de todo um Povo!

As revoluções que vingam, em toda a sua violência e em todo o seu poder destruidor e temporariamente desorganizador, mostram-nos sempre duas coisas: a velhice, a inadaptação dos organismos sociais que caducam, e a força, a vitalidade, a oportunidade dos organismos que surgem!

O acto de revolta de 13 de Fevereiro de 1919 veio mais uma vez mostrar-nos o quanto a monarquia é um regimen que findou em Portugal, se os 25 dias de tragi-comédia não bastassem para o provar, e o quanto a República é um regimen que lançou as suas bases inabaláveis nesta terra querida cheia de glórias e passadas grandezas!

Sobre essas bases sólidas e momentais ainda há muito que construir.

Mas os obreiros não faltam e a obra ciclópica há-de realizar-se, há-de findar-se, para que novamente neste extremo da Europa brilhe sobre o Atlântico imenso aquele farol que iluminou as caravelas e rasgou na Treva do espaço infinito um fecho de luz, de civilização e de beleza imorreidora!

E para isso é preciso que nós todos os republicanos, os que nos identificamos com o Povo nessa aspiração de regeneração nacio-



“Heróis do Mar, nobre Povo . . .

A's armas! A's armas!
Contra os canhões, marchar, marchar!,,

(Gravura gentilmente cedida pelo nosso colega A REPUBLICA, do Porto).

nal, nos juntemos, empreguemos todos os nossos esforços para que essa aspiração venha a realizar-se.

E com os olhos postos no futuro, prontos a fazermos todos os sacrifícios, sem excluir o da própria vida, brademos também para que o nosso ideal se cumpra:
— Viva a República!

D. F.

À MOGDADRE REPUBLICANA!

Procurai sempre vencer os vossos adversários políticos pela

persuação, opondo-lhes ao crêr dêles, o vosso saber.

Quem “crê”, presume saber certas coisas que lhe ensinaram. Mas, como essas coisas são incompreensíveis, resulta que não podem ser objecto de “sciência”. Para saber, é necessário exercer livremente a actividade inquiridora; para crêr, basta somente submeter a razão, que é a nossa faculdade crítica, ao ensino que autoritariamente nos querem impôr certos fulanos.

Procurai ser fortes, não vos

intimidando com as violências que são as armas dos fracos; pois para vencer os nossos adversários de ideias, não necessitamos mais nada do que amar até ao último sacrificio, essa palavra mágica que fascina todos os homens, desde o mais selvagem ao mais civilizado, e que para todo o ser humano é condição indispensável de felicidade— a Liberdade.

E depois, unidos como um só homem, lancemos ao ar e com toda a força que os nossos pul-

13-2-1919

Para se amar uma causa é preciso sofrer por ela — disse o grande pensador, o intemerato e saudável Magalhães Lima.

Verificada a hipótese, a causa — síntese de um complexo de ideias constitutivas do esquema geral — penetra-nos, integra-se em nós, afectando-nos o “Eu”.

E então é ver como, nas horas de verdadeira alegria, como nas de profunda dor, no triunfo, como na derrota, mais se sente do que se exprime o que se passa na nossa alma, verdade esta que consubstancia uma bela lição: representam mais algumas palavras singelas, irrompendo naturalmente do fundo da alma, que magníficos e artificiosos discursos, êrmos de sentimentos e proferidos em qualquer solenidade com a indumentária da mímica e metal de voz apropriados.

A linguagem das almas sinceras é como o bálamo das rosas: dirige-se sem retumbantes sonoridades ao íntimo dos corações.

Abraçando o ideal republicano logo ao alvorecer da nossa vida oficial, por êle temos trabalhado com dedicação, sinceridade e lealdade, e de quando em vez padecido agruras.

E assim as datas memoráveis da República jámais me têm passado despercebidas, como as da Pátria estremecida eu recordo na imprensa, na escola e na família.

Em 13 de Fevereiro foi restaurada no Norte a República que momentaneamente, pode dizer-se, tinham occultado em antros, onde martirizavam os seus esteios.

Saúdo os mártires, os evangelizadores sinceros:

Viva a Pátria Portuguesa!
Viva a República!
Guimarães, Fevereiro-1930.

Prof. Jerónimo Ferreira Botelho,

mões comportem, aquelas palavras que lhes causam calafrios e que os põem num estado de inacção que não há forças humanas, por mais poderosas que sejam, capazes de os fazerem voltar à realidade dos factos:

Viva a República! . . .
Viva a Liberdade! . . .

Albano Cruz.